

A relação afetiva do idoso com o rádio: histórias e lembranças¹

Júnia MARTINS²
Júnior PINHEIRO³

Resumo

O rádio, meio de comunicação mais popular e com reconhecida importância histórica, participa da formação cultural de indivíduos há décadas. O processo de informação e formação por ele propiciado, seja por meio de programas jornalísticos e musicais, bem como atrações de humor e opinião político-econômica, acredita-se, colaborou para a constituição da memória social coletiva de gerações. Provido da oralidade e efeitos sonoros, o conteúdo radiofônico tem alimentado diálogos e relatos em grupos de ouvintes, especialmente no segmento de idosos que, por muitos anos, tiveram o rádio como seu único veículo de comunicação. Dele, os idosos guardam desde chavões, canções marcantes, até lembranças de eventos ocorridos mesmo em localidades distantes. Neste artigo, a análise da construção da relação afetiva do idoso com o rádio teve como instrumento metodológico, entrevistas com três idosos da região grapiúna, sul da Bahia. A pesquisa bibliográfica contou, especialmente, com estudos feitos por Ecléa Bosi e Paul Thompson. Procurou-se delinear as recordações de indivíduos da melhor idade relacionadas ao "ouvir rádio", na assertiva de que a voz do rádio e a dos idosos são enriquecedoras da memória social, contribuintes para alimentar o imaginário coletivo baseado na oralidade.

Palavras-chave: Rádio. Idoso. Lembranças.

Considerações iniciais

Se a memória se consuma como base do conhecimento, seria lógico afirmar que, quanto mais vivências são acumuladas, maior o conteúdo arquivado pelo humano. Neste sentido, o idoso certamente assume um lugar privilegiado no que concerne o guardar de conhecimento, de sabedoria. Porém, num cenário caracterizado pela hegemonia do capitalismo e, conseqüentemente, pelo valor dado ao indivíduo por sua capacidade de produção para o mercado, qual a posição ocupada pelo envelhecido? Destituído enquanto

¹ Artigo publicado nos anais do VII Seminário Nacional do Centro de Memória Unicamp, realizado em São Paulo-SP, de 13 a 15 de fevereiro de 2012. GT Memória, História Oral e Trajetórias Biográficas.

² Mestranda em Comunicação (UFPB); Especialista em Leitura (UESB); Graduada em Rádio-TV (UESC). Associada à Intercom, à Rede Folkcom e à Amarc. Membro do Grupecj (UFPB) e do Grupo Comuni (Umesp).

³ Especialista em Leitura (UESB); Graduado em Jornalismo (UESB). Coordenador de Programação da TV UFPB. Associado à Intercom e à Rede Folkcom. Membro do Grupo Comuni (Umesp).

força de trabalho, com atividades regenerativas limitadas e funções neurológicas enfraquecidas, quem guarda as lembranças dos velhos?

Entre tantas lembranças mantidas e outras reinventadas, nossa intenção é registrar algumas recordações de idosos, os quais trazem como elemento comum o saudosismo pelo rádio, de modo tal que mantem certa afetividade em relação a este meio de comunicação.

Assim como a pesquisa executada por Ecléa Bosi, com desdobramentos publicados no livro *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos* (2009), selecionamos entrevistados com idade superior aos setenta anos; todos eles pertencentes a um determinado espaço de características geográficas e/ou sociais semelhantes – neste contexto, a delimitação feita foi pela região grapiúna⁴.

A seleção dos três entrevistados não intencionou, contudo, estabelecer uma amostragem e sim, trazer registro de vozes que remetam não principalmente ao rádio grapiúna, mas aos possíveis laços afetivos corroborados a partir da escuta de quaisquer emissoras radiofônicas ao longo dos anos. Destarte, o alicerce esteve no que pôde emergir como memória pessoal social, grupal, familiar; sem preocupação específica com a veracidade do que seria trazido como lembrança. Afinal, como afirma Paul Thompson, a construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, exigem ao mesmo tempo engenho, arte e vigor imaginativo. (THOMPSON, 1992, p.185)

O questionário confeccionado, pensado para ser utilizado como documento norteador da pesquisa, ao fim, acabou se estabelecendo como elemento complementar. Muito do conteúdo trazido, somente foi possível mediante diálogos, em momentos furtivos nos quais a fala do idoso trazia à tona encantamentos extra-questionário. Tal circunstância remeteu à constatação elucidada por Bosi (2009, p.39) quando diz que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão”.

As entrevistas deste estudo foram executadas presencialmente pelo jornalista Júnior Pinheiro, em visita aos municípios de Itabuna e Ilhéus – pólos da região grapiúna – entre os

⁴ A região grapiúna, sul da Bahia, engloba municípios que foram/são proeminentes na cultura do cacau – Almadina, Arataca, Aurelino Leal, Barro Preto, Buerarema, Camacã, Canavieiras, Coaraci, Floresta Azul, Ibicaraí, Ibirapitanga, Ilhéus, Itabuna, Itajuípe, Itacaré, Itapé, Itajú do Colônia, Itapitanga, Jussari, Maraú, Mascote, Pau Brasil, Santa Luzia, São José da Vitória, Ubaitaba, Una e Uruçuca. Sobre esta região, Olschowsky e Alves acrescentam que “o cultivo do cacau na região permitiu que a sociedade local se desenvolvesse. Em torno do “fruto de ouro” a cidade se expandiu, ganhando ruas mais largas, casarões e novos imigrantes. Com o declínio da lavoura cacauzeira, causado pela praga conhecida como vassoura-de-bruxa (*Moniliophthora perniciosa*), a sociedade viu-se obrigada a mudar apostando no setor de serviços como forma de revitalizar sua economia”. (OLSCHOWSKY; ALVES, 2010, p.83)

dias 05 e 07 de janeiro de 2012. Os nomes originais dos idosos foram preservados, logo, os aqui citados são fictícios. Selecionamos personagens de bairros, profissões e sexos distintos, na compreensão de que tal ação propiciasse maior riqueza aos depoimentos.

Embora o tema traga o conteúdo radiofônico como ponto agregador de lembranças afetivas, não transcorremos sobre a história do rádio, para não tornar a leitura demasiadamente fatigada. Para os interessados na história do rádio grapiúna, recomendamos a leitura da obra de Ramiro Aquino (1999). Nossa intenção, no estudo presente, é registrar recordações, tendo a história oral como instrumento, ao passo que o rádio, império da oralidade, é consolidado como meio tradicional e contemporâneo; tal qual a memória do idoso.

1. Memória, história e identidade

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar certas funções específicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1994, p.423)

Ao recorrer às narrativas míticas gregas, percebemos que a memória anda de mãos dadas com o tempo. Cronos (deus do tempo) era irmão da titânica Mnemosine, a qual personificava a memória. Filha do céu (Urano) e da terra (Gaia), além do poder de fazer lembrar e guardar em pensamento, Mnemosine tinha a responsabilidade de nominar todos os objetos. Ademais, entre suas nove filhas geradas a partir da relação com Zeus (deus dos deuses), temos a história (Clio). Sendo a história, filha da memória, o poder desta é também de servir como ponte entre o ser e o não-ser, entre o passado e o presente, entre o real e a imaginação – o poder de recordar na possibilidade de resgatar um momento e torná-lo eterno. Nesta realidade simbólica, a memória nos previne do esquecimento, ao passo que nos aproxima da permanência, da imortalidade, nos reatualiza por meio das lembranças; fortalecendo a imanência da nossa natureza mortal que “procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal” (PLATÃO, 1972, p.45).

Ao longo dos anos, o conceito de memória tem passado por alterações relacionadas à sua função, utilização e papel social. O registro, tido pelos gregos como enfraquecimento da memória, hoje é parte indissociável da sociedade tantas vezes codificada, em especial, após o surgimento da escrita. Antes do advento da escrita, a supremacia da oralidade se configurava em conteúdos transmitidos por gerações, na tentativa da preservação de acontecimentos,

perfis de sujeitos, crenças e demais laços identitários constitutivos da memória coletiva e individual de povos e comunidades.

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas, após o surgimento da escrita, o texto se separa do contexto vivo que foram produzidos. É possível ler uma mensagem escrita redigida cinco séculos antes ou redigida a cinco mil quilômetros de distância – o que muitas vezes gera problemas de recepção e interpretação. Para vencer essas dificuldades, algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que seja o contexto (o lugar, a época) de recepção: são as mensagens “universais” (ciências, religiões do livro, direitos do homem etc.). Esta universalidade, adquirida graças à escrita estática, só pode ser constituída, portanto, à custa de uma certa redução ou fixação de sentido: é um universal “totalizante”. (LÈVY, 2007, p.15)

O “universal totalizante”, mencionado por Pierre Lèvy, se aproxima da Verdade Histórica, concebida pela historiografia oficial, que seleciona, reduz, registra linhas normalmente de acordo com uma visão política tendenciosa.

Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos", contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (BOSI, 2009, p.137)

A História Oral, consubstanciada como fonte de conteúdos representativos da identidade de um povo – quaisquer sejam suas condições social, econômica ou política – certifica modos, experiências e sujeitos enquanto sujeitos; traz à tona acontecimentos produzidos em determinado ambiente social e histórico. É certo que no passar destas informações, muito se esvai no fio do esquecimento, e muito se reinventa pela poética da imaginação. Deste modo, no cenário de elementos abrangidos pela História Oral, a memória se configura como subsídio essencial, já que ela canaliza, reelabora, aviva textos, imagens e sensações dispersos na linha do tempo.

Na contemporaneidade, à esta memória responsável pela revelação do passado, antes mediado pela oralidade, depois no assentamento pela escrita; é agregada um novo conceito – a memória em *bits*. Uma das constatações de Lèvy (2007) é que o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que exteriorizam, ampliam e alteram muitas funções cognitivas humanas como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio. Esta realidade protagonizada pelo ciberespaço traz novas reflexões sobre o espaço e o tempo, sobre a

desterritorialização e a atemporalidade, mas também sobre as novas relações sociais e afetivas. Torna conteúdos locais, universais; e outros universais, populares; expande e multiplica o pensamento de forma globalizante, e por que não dizer, totalizante. Porém, mais que isso, proporciona novas formas de registro e configuração da oralidade, da imagem e do texto.

A questão da exclusão, neste cenário, contudo, é elementar. Não só pelo acesso desigual às novas tecnologias, endossado pela disparidade econômica; como também pelos empecilhos culturais e/ou instrucionais; situação esta última na qual incluímos todos os idosos entrevistados na pesquisa aqui apresentada. Como constata Dona Maria,

Televisão, computador [internet] é tudo iguá! Os outro conta a história que bem quer da gente, a gente num tem, seu minino, o direito de se dizer, (...) a fala da gente, sabe, do nosso coração (...) agora tá tudo chei destas coisa que a gente num sabe vê, num sabe mexê pra dizer se tá certo (...) eu ispio meu neto mexendo, mas nim ele tem paciência pra me ensiná, nim eu tenho vontade de futucar. Pra quê, né mermo? Eu já véia... (MARIA, 2012).

O mesmo ambiente virtual que extensiona, complementa e arquiva, também exclui. Exclusão que, no contexto dum idoso, é somada a tantas outras inerentes à esta etapa da vida. Então, assumindo metaforicamente a figura de Mnemosine, nossa contribuição pretendida é a de distanciar o esquecimento e guardar, em *bits*, histórias registradas pela oralidade de idosos que vêem no rádio, mais que um aparato de comunicação – um formador de identidade, um companheiro de lembranças.

2. As lembranças

Na maioria das pesquisas contemporâneas em comunicação, o rádio, enquanto objeto de estudo, é colocado à margem. Longe de um discurso apocalíptico, já que presenciamos um período de multi, hiper e transmidialização, no qual o rádio se reconfigura em distintas plataformas, é necessário reconhecer valor e funcionalidades do meio de comunicação mais presente nos domicílios brasileiros. Este reconhecimento passa, certamente, pelo registro e resgate à memória individual e coletiva.

Neste objetivo de recuperação e registro de fatos, pessoas e coisas relacionados ao rádio, desde o ano 2005 a região grapiúna abriga, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus-BA, o projeto Memória do Rádio Grapiúna (MRG), coordenado pela

professora Dra. Ayêska Paula Freitas. Além do resgate por meio da gravação de relatos e encontros grupais com personagens da história local, foi iniciada a recuperação e organização de materiais até então guardados em arquivos particulares.

Ao recordar, ao trazer de volta ao coração, o informante torna o acontecimento vivo novamente. Como se passaram cerca de cinquenta anos desde a implantação do rádio na Região Grapiúna, o número de informantes – comunicadores e ouvintes – que guardam na memória acontecimentos relativos aos seus primórdios é pequeno e tende a diminuir com o passar do tempo. Portanto, para se reconstituir a memória do rádio grapiúna, baseada na memória coletiva de um grupo que vivenciou o meio rádio na região, da inauguração aos dias atuais, é preciso levar em consideração a passagem do tempo e o que ela representa para as pessoas. Nesses mais de cinquenta anos, muitas testemunhas se perderam e, com elas, uma parte talvez irrecuperável da história. (PAULA FREITAS et. al., p.3, 2010)

Deste modo, as lembranças reveladas neste artigo se configuram apenas como fragmentos de um trabalho de recuperação de memória já iniciado oficialmente pelo MRG. De qualquer sorte, compartilhamos, neste caso, da ideia de que somar vozes à oralidade enriquece a polifonia do discurso.

2.1 Dona Joana

Dona Joana nasceu em 1941, no município de Buerarema-BA, quando este ainda era um povoado chamado Macuco, distrito de Itabuna-BA. Filha de pais lavradores, a fim de estudar, foi entregue na adolescência para os padrinhos, que moravam em Itabuna e possuíam melhores condições financeiras. Após concluir o Curso Normal (curso técnico em magistério), chegou a ministrar aulas na rede pública municipal até 1968, quando conheceu um jovem comerciante carioca que se tornaria seu esposo e com quem teve dois filhos.

Após casar-se, se mudou para o Rio de Janeiro, morando na capital e, posteriormente, em Niterói. Trabalhou durante 25 anos na rede pública municipal de ensino da capital fluminense, como professora e secretária escolar. Nos anos finais da década de 1980, separou-se do seu esposo que, por possuir melhor estrutura financeira e familiar, obteve a guarda dos filhos adolescentes. Quando se aposentou, em 1994, voltou a morar em Itabuna, no intuito de ficar próxima à sua família: mãe e irmãos.

Afirma Dona Joana que, desde pequena, sempre gostou muito de música e de festa. Por isso, sempre ouvia rádio, inicialmente no rádio de ondas curtas, de posse de seu pai, e posteriormente na casa de seus padrinhos, em Itabuna, onde escutava com frequência as emissoras Clube e Difusora. Também no Rio de Janeiro, onde morou por mais de 20 anos,

costumava ouvir rádio durante as atividades domésticas e até mesmo no ambiente de trabalho, ao exercer funções administrativas.

Quando eu morei no Rio, eu gostava de ouvir novela pelo rádio... Já até tinha televisão e tudo, mas tinha novela no rádio ainda. Eu gostava mais, porque você não ver o ator, não é, e aí você fica imaginando e ele fica do jeito que você quiser (risos). Mas aí foi acabando novela no rádio (...) Eu também ouvia muita música... música secular, mesmo... na época eu não era evangélica ainda e gostava muito de música... música romântica e samba... ouvia e dançava... dançava bem até... eu ia muito em festa... na época, o Rio era tranquilo, hoje, quem é que pode ir em festa? Quem bem soubesse, só ia para a igreja mesmo! Eu ouvia música, noticiário, mas gostava de novela... Depois, vi muitas das novelas que ouvi pelo rádio virar telenovelas. Só aí você percebe que tem coisa engraçada, você pensava uma cena de um jeito, ou um ator de um jeito e na televisão eles fazem diferente (risos). (JOANA, 2012)

A relação de companheirismo entre o rádio e Dona Joana, contudo, se estreitou ainda mais por conta de sua separação e posterior transferência de guarda dos filhos para o pai. Sentindo-se sozinha, quando não estava no trabalho, Dona Joana preferia não sair muito e costumava ficar em casa ouvindo música nas emissoras cariocas. Numa tarde, sintonizou uma emissora (Melodia FM) que propagava mensagens e músicas ligadas às igrejas evangélicas e, segundo ela, teve sua vida transformada pelo conteúdo que ouviu.

A partir deste dia, Dona Joana, que atribui a Deus e ao rádio a responsabilidade pela experiência transformadora de vida que passou, tornou-se ouvinte assídua da Melodia FM, ouvindo, cada vez menos, outras emissoras. Quando questionada sobre o que mais sente saudade no conteúdo radiofônico que ouvia no passado, Dona Joana, não pestanejou:

Eu não tenho saudade de nada (...). Eu ouvia tudo no rádio. O tempo vai passando e nós vamos mudando com ele, não é verdade? Gosto muito das coisas que escuto hoje e gostei muito do que ouvi quando era jovem, mas não tenho saudade não. Talvez, se fosse para sentir saudade mesmo, seria de ouvir Agepê, Simone, aquele... Amado Batista (...) mesmo sendo, assim, do mundo, falam de amor, não é verdade?! (JOANA, 2012)

Ao se mudar para Itabuna, Dona Joana demonstrou não se sentir “órfã”, pois encontrou na cidade, inicialmente, a Rádio Novo Tempo. Com a venda desta para um grupo não evangélico, a entrevistada migrou sua audiência para a Rádio Aleluia FM, ouvida pelo rádio que fica na sala de Dona Joana, ligado maior parte do dia, desde o despertar, nesta única emissora.

2.2 Seu Arlindo

O Sr. Arlindo nasceu em 1939, numa pequena propriedade rural, de posse de seu pai, nos arredores do atual município de Santa Cruz da Vitória-BA. Conviveu com seus pais até a adolescência. Com quase 18 anos, saiu em busca de outras atividades profissionais.

Já em Itabuna-BA, ainda jovem, começou a trabalhar em empreitadas de colheita de cacau em diversas fazendas da região, até se fixar na propriedade de um senhor que ele identifica apenas como “Coroné Firmino”. Começando como colheiteiro e carregador, logo aprendeu a dirigir caminhão e passou a exercer a função de motorista, trabalhando no transporte das safras de cacau até o Porto de Ilhéus e outros destinos.

Com o declínio da cultura cacauzeira no Sul da Bahia, seu Arlindo trabalhou no transporte de colheitas em outras regiões do estado, como Irecê e Guanambi. Acompanhou-o nestes deslocamentos sua então esposa, Dona Nice, já falecida, três filhas e um filho.

Com o falecimento de Dona Nice, no final dos anos 1980, Seu Arlindo e duas filhas voltaram para Itabuna, onde ele atuou em serviços diversos até conseguir se aposentar em 2005, por idade. Hoje mora com uma filha solteira, com 40 anos, numa pequena casa com dois quartos, sala, cozinha e quintal, no Bairro Lomanto Júnior, em Itabuna.

Seu Arlindo afirma que aprendeu a ouvir rádio com o pai, ainda criança, na zona rural e, por conta das informações, notícias e músicas que eram veiculadas por este, resolveu sair de casa e conhecer outras paragens. Dessa forma, ele atribui ao rádio o incentivo de ter saído para trabalhar em outros municípios.

Quando eu era menino, na roça só tinha um rádio, que era o rádio de pai, né? Ai, nós trabalhava o dia todo, naquela labuta braba, e de noite, nós jantava e ia pra cama cedo, mesmo porque num tinha esses negócio moderno de hoje de dormir de madrugada, não... Mas pai e mãe depois da janta apagava o fifó (o senhor sabe o que é fifó, né? É como se fosse um lampião, só que improvisado)e ligava o rádio e todo mundo dormia ouvindo rádio... nós gostava de ouvir, né... imagina, nós tudo menino, nunca tinha saído da roça, mas ouvia as notícia até do estrangeiro, ficava sabendo do mundo todo, tal país tava em guerra com outro, tal pessoa morreu, fulano casou, nasceu filho de fulano (...) e ouvia música também, né e ficava criando coisa na cabeça, imaginando o mundo lá fora... muitas das coisa que o rádio dizia que me incentivou a sair pelo mundo pra trabalhar... foi o rádio... minha avó dizia que rádio num prestava por mode que fazia as pessoa virar a cabeça... eu virei a cabeça... (risos)... virei e voltei pro lugar (risos). (ARLINDO, 2012)

Questionado sobre o que mais gostava na programação, respondeu:

Eu gostava muito da Turma da Maré Mansa, que passou, acho que por mais de dez anos, na Rádio Globo do Rio, de noite... eu deitava e ficava ouvindo e dormia ouvindo... Era um programa de piada, assim, como a “Velha Surda”, o “Saraiva”, o “Burroso”, igual a Praça da Alegria, mas no rádio... e eu dormia ouvindo e no outro dia tinha umas piada diferente pra contar pros colega... e tinha uns mais desenxabido que imitava as pessoa da Maré mansa... as voz, né... era muito divertido... passava todo dia e depois acabou... o que é bom acaba... até Chico Anísio tinha... Os Trapalhão... (ARLINDO, 2012)

O rádio também foi, segundo ele, companheiro durante o trabalho, as viagens e as noites, fossem noites solitárias ou em companhia da esposa e filhos. Ao ser indagado sobre algum momento que o rádio tenha marcado sua história, seu Arlindo descreveu:

Lembro eu ainda minino e vendo minha mãe chorar com a notícia da morte do finado Getúlio [Vargas]... Lembro como se fosse hoje, mãe chorando, porque Getúlio era o pai dos pobre, né, ele era o pai de nós tudo e minha mãe dizia que ele tinha voltado pra ser presidente... lembro que ela contava que Getúlio foi tirado mas voltou pelo braço do povo pra terminar o que tinha começado... O senhor acredita que até hoje eu num entendi como pode um homem bom se matar, num é verdade? Como uma pessoa assim desiste de vivê. O senhor vê – eu nessa idade, 72, 72 anos, parece? (...) tô aqui, num tem pedra que faça eu cair, só se for a vontade de Deus. (ARLINDO, 2012).

Com olhos vivos, seu Arlindo disse perceber que manteve o mesmo costume do seu pai, de ouvir rádio à noite junto com a família. Até que comprou uma televisão, e nos momentos que escuta rádio (umas 4 vezes por semana), se contenta em fazê-lo sozinho.

2.3 Dona Maria

Moradora do bairro Malhado, na cidade de Ilhéus-BA, Dona Maria nasceu em 1935, em Água Preta, então distrito de Ilhéus e atual município de Uruçuca. Filha de pai grapiúna e mãe mineira, a família de Dona Maria era de lavradores que plantavam verduras e hortaliças na zona rural e viajavam até Ilhéus para comercializá-los em feiras-livres da cidade.

A relação de dona Maria com o rádio começou ainda criança, por influência do pai, seu Luís, que gostava de ouvir música aos domingos – dia em que ele, por ser muito religioso, não trabalhava. Nestes dias, toda a família se dedicava aos afazeres domésticos e costumava ir à missa.

Pegava a bassôra, ia barrer o quintá...subia aquela poêra, sabe? Aquela poêra vermeia... Todo domingo era esse tipo. A poêra subindo, o cheirim de café que

vinha lá de dentro...mãe era toda caprichosa, pilava e depois fazia o café preto...e meu pai agachado ali, isperano o café, no mei da poêra, ouvino as música no aparei. (MARIA, 2012)

Numa época em que um aparelho de rádio era um artigo de luxo, dado ao preço bastante elevado, o pai de dona Maria adquiriu um seminovo em mãos de um imigrante originário do oriente médio, que se tornou amigo de seu Luís. Este gostava muito de música e, segundo dona Maria, ficava “namorano o aparei do turco, até que ele se danou e vendeu”.

Minha senhora santíssima! Num era qualquer vivente que tinha radio não, seu menino! Quando pai comprô o primêro, já usado, sabe? Eu era minina, mas me alembro...me alembro bem...A gente fazia tudo rapidim só pra ouvir (...) a famía toda sentada e pai quase caducava, assunta?! Ficava pedindo pros minino sussegar, pra escutar a voz direito no mei da chiadêra. Aí tamém era só um tantim todo dia, qui é pra num acabá as pía. (MARIA, 2012).

Entre as lembranças de dona Maria estão – além dos momentos em que ouvia música em família – a baixa qualidade da recepção (chiadeira) e a expressão de encantamento de seu pai diante do equipamento à pilha. Ela recorda também de quando, já adolescente, seu pai chegou em casa com a notícia de que tinham criado uma emissora em Ilhéus (Rádio Cultura), assim como também lembra da fundação da Rádio Jornal de Ilhéus (1959), num momento em que ela, casada, já morava na cidade, onde trabalhava como empregada doméstica enquanto seu esposo era lotado no Porto de Malhado.

Quando questionada sobre a diferença da programação radiofônica de décadas atrás comparada à de hoje, Dona Maria (2012) disse:

Ah, o rádio hoje quase só toca bobage, uns negoço esquisito, que só presta mermo é as notícia que eles dão e a hora certa (risos)... Antigamente todo mundo sabia que tinha onda curta, AM e depois FM e quem queria ouvir outras coisa de fora ouvia onda curta, quem queria ver coisa diferente, ligava na FM. E tinha as rádios AM que tocava as coisas boa... agora tá tudo iguá, só melhorou o siná, né...

Fã do programa do Zé Tiro Seco (Rádio Nova Bahiana de Ilhéus), diz que o programa lhe faz lembrar dos tempos em que morava na roça. Ainda hoje, dona Maria tem o rádio presente em sua vida, como companheiro durante suas tarefas diárias. O gosto por música parece ter sido herdado por Kelvin, 15 anos, seu bisneto, que mora com a mãe e a bisavó na casa simples, repleta de quadros de artistas e imagens de santos.

Kelvin recentemente ganhou um computador, onde acessa a Internet, faz *downloads* de músicas e ouve enquanto está em frente à tela, além de assistir vídeos. Também é ali, no canto da sala, onde fica o computador, que Kelvin mantém contato com os tios e primos que moram em outras cidades. Quando viu o fascínio do bisneto acessando a internet pela primeira vez, Dona Maria disse que lembrou do seu pai diante do rádio usado, vislumbrado com as coisas que ouvia acerca do mundo.

Considerações finais

“O tempo é iguar arêa...cê pega na mão, quando vê, ói: já foi se imbora!”

(MARIA, 2012)

Um provérbio africano diz que ao morrer um idoso, é queimada uma biblioteca. Numa sociedade na qual a memória em *bits* muitas vezes sobrepuja a memória biológica, pensá-las como complementares e não como excludentes pode ser uma boa saída. Por que não digitalizarmos o conteúdo destas ‘bibliotecas’, verdadeiros livros vivos?

Abrir as gavetas do armário da memória, como suscitado por Bachelard (1996), revisitar a vida, é tarefa que exige certa destreza e coragem. Uma tarefa assemelhada a um itinerário programado, mas sem previsão do que será encontrado no decorrer do caminho ou ao chegar ao fim. Das gavetas, longe do fim do itinerário, ficam as ressonâncias de trechos descortinados pela memória, reconstruções históricas, verdades que também são obras da imaginação. Como afirma Marialva Barbosa (2007), precisamos considerar que o passado, mesmo tido como real, é sempre inverificável. Neste espaço de inverificação, mora a inventividade. A imaginação, contudo, não limita ou diminui a construção, mas seu colorido alimenta trechos da história.

Na experiência do relato oral, dualidades se completam em um ensaio temporal, que num só instante, une passado e presente e, mesmo esta união é fugidia, posto a impossibilidade de revivê-la. Entrevistado e entrevistador, diante do armário, compartilham da peripécia de, por meio da narrativa, revirar objetos guardados, perfumes antigos, pessoas, lugares, sentidos. Muitas destas sensações, notoriamente percebidas, foram relatadas pelos entrevistados ao mencionar, com ar saudoso, as músicas antigas, os locutores esquecidos, os programas e até comerciais prediletos; a exemplo de Dona Joana, ao lembrar da sua juventude e da propaganda do esmalte Colorama (década de 1960), na voz de Ramos Calhella.

Enquanto pesquisadores, pudemos, por meio desta experiência, asseverar o rádio como meio de evasão da solidão, noticiador, *background* para acalantar o sono. Como meio que ‘fala a verdade’, interlocuta, mas que acima de tudo, estabelece uma relação familiar com o cotidiano; e, por ser familiar, se relaciona afetivamente com a história de cada ouvinte.

Referências

- AQUINO, Ramiro. **De tabocas a Itabuna: 100 anos de imprensa**. Itabuna: Agora, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 15-34.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 15ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2007.
- OLSCHOWSKY, Joliane; ALVES, Charles. Rádio, Cultura e Turismo na cidade de Ilhéus. In: **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**. Ilhéus, n.1, p. 83-97, jan/2011.
- PAULA FREITAS, Ayêska. et al.. **Memória do rádio grapiúna**. Disponível em <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/4o-encontro-2006-1>. Acesso em 10/12/2010.
- PLATÃO. **O Banquete**. Coleção Pensadores, São Paulo: Abril, 1972.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Fontes primárias/entrevistas:

- ARLINDO. Entrevistador: Júnior Pinheiro (Waldelio P. N. Júnior). Itabuna, jan./2012.
- JOANA. Entrevistador: Júnior Pinheiro (Waldelio P. N. Júnior). Itabuna, jan./2012.
- MARIA. Entrevistador: Júnior Pinheiro (Waldelio P. N. Júnior). Ilhéus, jan./2012.